

Luna Alkalay reforça poder do cinema feminino na Mostra de Tiradentes

Evento cinéfilo mineiro reserva espaço para vozes autorais da velha guarda

Por Inácio Araújo (Folhapress)

Em um festival dedicado à cultura contemporânea, Tiradentes reservou este ano um espaço privilegiado à, digamos, velha guarda. Já mostraram seus trabalhos e falas Antonio Pitanga, depois Julio Bressane, e agora Luna Alkalay, a mais surpreendente e menos conhecida desse grupo. Num momento em que o cinema feminino busca se afirmar em igualdade com o dos homens, Luna emerge de um tempo em que se botava menos fé em mulheres que dirigiam filmes do que nas que dirigiam automóveis. Em vários casos buscou-se a reparação. O seu é um pouco diferente.

A autora do recém-restaurado “Cristais de Sangue” (1975) retorna 50 anos depois com “Trópico de Leão”, exibido na cidade mineira. Se o primeiro filme existiu, segundo ela, como resistência à ditadura, o “Trópico” vai em outra direção, ao narrar a história de uma mulher com mais de 70 anos, recém-sai-



Trópico de Leão, de Luna Alkalay, narra a história de uma mulher de 70 anos recém-saída de um relacionamento desigual com um homem muito mais jovem

da de um relacionamento desigual com um homem quase 40 anos mais jovem.

Luna Alkalay, que foi aluna de Filosofia na FFLCH entre os anos 1960 e 70, convoca aqui figuras mitológicas para compor seu repertório: Caronte, Eco, Penélope, Medeia



Divulgação

Divulgação

Leão” a ser vivamente aceito pelas mulheres: o filme introduz o viés da vida afetiva e sexual das mulheres de mais idade com toda veemência a que tem direito, na medida em que trata de uma relação abusiva, em que o homem se aproveita da fragilidade da mulher “velha”.

O importante, no caso, é que Alkalay trabalha a questão de maneira original: coloca-se ora no centro de uma mesa de estudos do roteiro do filme, ora coloca em ação as figuras mitológicas que lançou no roteiro. E assim desenvolve a busca por si mesma de uma mulher que, após o abandono, pensa seriamente em suicídio. Este filme-ensaio repete o trajeto da diretora, que realiza uma viagem de autoconhecimento ao fim do qual, afirma, o trágico se torna dramático. A submissa Eco pede a Caronte que a mate, o que ele faz. A conformada Penélope destrói a teia que todos os dias tecia e depois desfazia. Medeia, por fim, vinga-se.

E o feminismo, que se sempre se bateu de maneira um tanto abstrata pela libertação feminina encontra neste filme-ensaio inteligente e nada desprovido de talento um novo aspecto a explorar. O tema proposto para o ano, “Que Cinema É Esse?”, em princípio um tanto misterioso, abre-se no entanto à reflexão, sobretudo à luz da maior parte dos filmes exibidos em Tiradentes. Esse cinema, com algumas exceções, conseguirá ir para os cinemas?

Ou para alguma TV por assinatura que não seja o Canal Brasil? Ou para o streaming? Em média, temos filmes interessantes, por vezes realmente bons, mas seriam “distribuíveis”, digamos assim?

Essa é a questão, ou talvez seja melhor dizer, o desafio que a 28ª Mostra de Cinema de Tiradentes lança aos cineastas: fazer bons filmes, não submetidos a um gosto médio que ocupa as salas comerciais tipo Cinemark, mas não tão voltados a si mesmos que interessem apenas a públicos muito específicos, nos melhores casos, ou a ninguém, nos piores.

Nas exibições da última semana da mostra outros filmes que se destacaram: “Deuses da Peste”, de Gabriela Luiza e Thiago Mata Machado, e “#Sem Título 9: Nem Todas as Flores da Falta”, de Carlos Adriano. Adriano é nosso maior especialista em filmes de montagem: trabalha filmes de arquivo buscando ressignificar fragmentos; na série “#Sem Título” compõe uma espécie de autobiografia composta a partir de filmes de outros. Não é possível falar de “A Voz de Deus”, onde Miguel Antunes Ramos filma, durante anos, a vida, ambições e dúvidas de dois pregadores infantis, mas pelo que mostrou na sessão “Corte Final” é para esperar pelo melhor.

cada um traz um significado preciso e funciona como parceiro na busca para se livrar de Narciso: o tal jovem com quem teve um romance.

Luna fala de si mesmo como “velha”, que prefere a idosa. E isso levou “Trópico de